

02 de setembro de 1982

Itatiba e a Virgem do Belém

Apresentado pelo acadêmico de jornalismo Ocimar João Rabechi.

Neste ano de graça, em que jubilosos comemoramos o sesqui-centenário da paróquia — hoje reitoria — da Basílica Menor de Nossa Senhora do Belém, é certo que nenhum itatibense passará insensível a tamanho evento.

Consciente da necessidade de levar ao povo itatibense um maior conhecimento sobre a história de sua padroeira e de sua cidade, é que hoje nos oferece, nosso amigo Marcos Rodrigues Chaves, este dedicado trabalho. Baseado numa análise rigorosa dos fatos históricos, o colunista nos apresenta a visão científica da História; com método, objetivo e objetivos próprios.

A amizade que nos une, já há dezessete anos, me permite falar, com conhecimento, sobre ele: Nascido em São Paulo a 9 de maio de 1960, filho do saudoso Dr. José Chaves - descendente de tradicional família medieval

portuguesa - e de D. Celina Rodrigues Chaves - pertencente a família Rodrigues Martins Alfenas, dos fundadores da cidade de Alfenas (MG). Com duas semanas de idade veio para Itatiba, onde já residiam seus pais desde 1954. Para cá foi trazido ao colo de D. Otília Rela, grande amiga da família.

Cursou o 1.º grau nos Grupos Escolares Cel. Julio César e Cel. Francisco Rodrigues Barbosa - Chico Peroba -, sucessivamente. O segundo grau, fez no Instituto Educacional Imaculada, pertencente à congregação Espanhola das Filhas de Jesus, em Campinas. Atualmente é acadêmico de medicina da PUCC.

Criado em lar profundamente católico, é uma pessoa de uma fé e de um ortodoxismo inabaláveis. Conservador...mas um conservador da fé e da cultura, com mentalidade aberta aos problemas atuais.

Passemos agora a este bem elaborado trabalho, que será publicado, dividido em várias partes.

ITATIBA E A VIRGEM DO BELÉM (I parte)

Marcos Rodrigues Chaves

“O primeiro dos princípios da História é não ousar mentir, de leve que seja; o segundo, não recear dizer a verdade, em hipótese alguma, lembrando-se de que acima de tudo é preciso que não dê ensejo a que pareça inspirada pela lisonja ou pela animosidade”. (Papa Leão XIII)

INTRODUÇÃO

Apesar do critério científico, que adotei ao começar este trabalho, não foi sem emoção que cheguei a concluí-lo. Muitas falhas sei que haverá, todas só a mim devidas, mas tenho a certeza da compreensão e amizade do povo itatibense.

Itatiba, mesmo tendo, infelizmente, sofrido a nefasta ação desta fase de sectarismo, que vive o século XX; mantém-se em sua maior parte fiel aos sadios ensinamentos de nossa Santa Madre, a Igreja, que permanece grandiosa a despeito dos acontecimentos... Pois a Igreja é Eterna.

Não fosse as preciosas bençãos e a proteção da excelsa padroeira Nossa Senhora do Belém, não teria eu concluído este trabalho.

A ela, pois, as homenagens comovidas e o humilde agradecimento deste seu filho itatibense (pois assim me considero).

A GÊNESE

Itatiba, não seguindo a regra da maioria de nossas cidades coloniais, não nasceu sob os auspícios da religião católica, mas, como veremos adiante, não tardou a religião exercer papel influente e importantíssimo na vida desta nossa cidade.

Conta a tradição, por volta de 1804, aqui chegaram os primeiros elementos humanos. Tratavam-se de fugitivos de "delitos de ferimentos graves" por questões familiares, que procuravam escapar à perseguição a eles movida pelas justiças de Santo Antonio da Cachoeira e de São João de Atibaia. Estes fugiram em pequenas embarcações pelo Rio Atibaia, na época cercado por densa mata que cobria o solo da região. Vieram eles aportar numa pequena ilha, no lugar em que o ribeirão Pinheiro liga-se à margem direita do Rio Atibaia, fronteando as terras que vieram a pertencer a João de Oliveira Simões e Joaquim da Silva Franco.

Uma escolta, pois, foi formada por contingente das vilas de Santo Antonio da Cachoeira - hoje Piracaia - e de São João do Atibaia, sendo seu comandante Lourenço Leme, que desceu o rio, em penosa viagem ao encalço dos foragidos.

Após longa busca, conseguiu a escolta localizá-los e encontrando grande resistência, viu-se obrigada a lutar contra os fugitivos.

Um grupo sobrevivente, conseguindo fugir, chefiado por Salvador Lopes, estabeleceu-se a duas léguas abaixo da ilha, onde haviam chegado, no local até hoje denominado Bairro dos Lopes. Mas a escolta continua a perseguição, conseguindo deter todos os foragidos. Voltando para Atibaia, levaram a notícia da descoberta de um local onde o solo era "rico e fértil". Tal notícia teve grande repercussão na região, causando o início de correntes migratórias de Atibaia, bem como de Jundiá - Todos com o interesse voltado para a lavoura.

Entre os primeiros a chegar estavam: Joaquim de Moraes e José Pereira, fundadores dos bairros Coutos e Pereiras, respectivamente.

Um dos mais antigos povoadores desta terra foi Antonio Rodrigues da Silva, cognominado "O SARGENTÃO", o qual possuía em oratório particular, uma imagem de Nossa Senhora do Belém. (Esta imagem, em estilo rococó, datada provavelmente do século XVIII, ainda hoje pode ser admirada na secretaria da Basílica).

Grande devoção possuía o "Sargentão", festejando a Senhora do Belém todos os anos, na festa da natividade de Maria, a 8 de setembro. Estes festejos eram feitos em companhia de parentes e vizinhos, incumbindo-se o "Sargentão" das funções de capelão, quando rezava o terço, e cantava as ladainhas.

Assim, muito cedo, a Virgem tornou-se senhora da povoação, que tomaria seu nome.

(continua)

04 de setembro de 1982

Itatiba e a Virgem do Belém

(II parte)

Marcos Rodrigues Chaves

A IGREJA

Também a Santa Madre Igreja, logo começou voltar seus olhos piedosos para a nascente comunidade, que era governada pelo Cabo de ordananças João Assumpção.

A população crescia, aumentava o número de almas e Antonio Rodrigues da Silva resolveu construir uma capela sob o orago da Senhora do Belém.

Foi então, que em 1814, às margens do ribeirão Cachoeira, onde hoje existe um cruzeiro, que se erigiu a capela subordinada à paróquia de Nossa Senhora do Desterro, de Jundiá.

O primeiro capelão foi o Padre Domingos da Silva, contratado mediante ínfima remuneração anual. Nesta capela foi realizado o primeiro batizado da povoação.

As missas eram celebradas aos domingos e dias santos e não diariamente.

No período de 1810 a 1825, o crescimento da população foi intenso e muitas famílias estabeleceram-se no arraial, entre elas as de: Domingos Rodrigues, Alfere Bento Barbosa Pires, Antonio de Godoy Lima, Manoel Francisco, Antonio Pereira Pedrosa, Joaquim da Silva Franco, Clemente Pinto, Gabriel de Godoy Moreira, Thomé Pires e Marcelino de Godoy. Todos estes vieram a constitui-se em troncos da aristocracia rural local.

Com o novo aumento da população consequentemente aumentava o número de devotos.

Foi então que em 1827, os habitantes da povoação de "Nossa Senhora do Bethlém" solicitaram aos governantes locais que tratassem da transferência do humilde templo para um local mais adequado. Para tanto foi escolhido o Largo do Rosário, hoje, praça Comendador Lourenço Alves.

Grande anseio da população, a elevação da capela a Freguesia, só foi conseguida após várias tentativas. O governo imperial, pelo decreto de 9 de fevereiro de 1830, declarou criada a "FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DO BETHLÉM DE JUNDIAHY".

Mas, cumpre-nos ressaltar que já em 6 de agosto de 1823, estava constituído o Patrimônio da Igreja de Nossa Senhora do Belém, por doação graciosa, e visando honrarias de devoção à Virgem.

A população continuava em fraco crescimento e, patente a este, a devoção à Virgem do Belém. Em resposta à imperiosa necessidade de um templo que permitisse a toda população o exercício do culto, clero e leigos decidiram pela edificação da nova Igreja.

A construção começou no ano de 1833, desenvolvendo-se lentamente até seu término em 1853, sob dedicada administração do Revm.o Padre Miguel Corrêa Pacheco.

Quando do término das obras, a nossa Igreja não possuía torre, sendo que em 16 de novembro de 1874, foi lançada a pedra fundamental para sua construção.

Com sacrifícios e labores contínuos, conseguiu o Revm.o Padre Francisco de Paula Lima dar início e término à construção no mesmo ano de 1880.

Para custeio das obras recorreu o abnegado vigário para o auxílio das subvenções públicas. De grande ajuda foi, para a edificação da torre, os legados testamentários de Calixto Soares de Godoy e do coronel Camilo José Pires, irmão do Major Bento Pires Ávila. Em 20 de fevereiro de 1857 a Freguesia de "Nossa Senhora do Bethlém de Jundiáhy" foi elevada a vila, permanecendo o mesmo nome, e tendo-se procedido a eleição da Câmara de Vereadores, em 7 de setembro do mesmo ano.

Eleita a Câmara, esta firmou compromisso com a Câmara de Jundiá.

Deu-se a primeira sessão da Câmara a 2 de novembro de 1857, no consistório da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém.

A "Villa de Nossa Senhora do Bethlém de Jundiahy" foi elevada a categoria de cidade pela lei provincial de 16 de março de 1876 com a denominação de "Bethlém de Jundiahy", até que pela lei n.º 80, de 3 de abril de 1877, passou a cidade a chamar-se "Ithatyba" e com a nova ortografia: Itatiba, étimo Tupi que significa "muita pedra".

A 9 de novembro de 1889, foi Itatiba declarada sede de comarca, com instalação feita a 3 de fevereiro de 1890.

Em toda esta evolução Histórica, grande e marcante foi o papel da Igreja, a cada degrau conquistado.

Em sua arquitetura, nossa Igreja obedecia o estilo romano clássico, apresentando um conjunto harmonioso de linhas bem talhadas, agradáveis de qualquer ponto que observássemos. O frontispício — ainda o atual, salvo pequenas modificações — de grande majestade e nobreza faz lembrar os grandes templos de outrora, enfrentando, sobranceiramente, a ação do tempo. Sua torre esbelta e esguia se eleva, elegantemente, a altura de quarenta e cinco metros, dominando o alto da colina e traduzindo, eloquentemente, a piedade e a fé viva de quantias gerações. Media, seu corpo, externamente, cinquenta e quatro metros de comprimento por vinte metros de largura.

Sobre a edificação deste templo, disse, certa vez, o Revm.º Padre João Baptista Lavello: "Bem haja aos seus heróicos idealizadores, porque perpetuaram nesta grandiosa construção, o seu respeito, amor, dedicação e carinho a Nosso Senhor e a sua excelsa padroeira Nossa Senhora do Belém".

O corpo da Igreja foi reformado duas vezes, a primeira pelo Revm.º Monsenhor Juvenal Augusto de Toledo Kolly e a segunda pelo Revm.º Padre João Baptista Lavello, com inauguração da reforma por S. Exa. Revm.ª D. José Maurício da Rocha a 8 de dezembro de 1937. Nesta última reforma, grande atenção foi dada à parte artístico-cultural, sendo realizadas verdadeiras obras-primas de pintura, escultura e carpintaria. Todos os trabalhos de alvenaria e carpintaria estiveram sob competente direção do hábil construtor sr. Ercole Bonnetti e a empreitada foi executada, proficientemente pelos itatibenses Antonio Hércules e João Luppi.

A decoração era em estilo romano, projetada e executada por artistas de alta escola.

Em 1962, após cento e onze anos de existência, resolveu a paróquia a demolir toda a velha matriz, construída em taipa de pilão por mão de obra escrava.

Optou-se pela conservação da magnífica torre, apenas...

Em dois anos foi reconstruída a nova Igreja, com a arquitetura seguindo aproximadamente as linhas clássicas da Torre.

Esta construção foi realizada sob orientação do Revm.º então Cônego Anatólio Brasil Pompeu, que auxiliado por este povo de grande fé, não poupou esforços para oferecer a nova moradia à nossa padroeira.

A nova igreja, ficou durante muito tempo sem a consagração, a qual foi realizada a 8 de setembro de 1977, por ocasião da festa da padroeira, sendo consagrante S. Ex.ª Revm.ª D. Antonio Pedro Misiara, terceiro bispo de Bragança.

Após sua reconstrução, a Igreja matriz de Itatiba passou a ser chamada pelos fiéis de Basílica, devido à forma de sua construção.

Este título já se consagrou pelo uso corrente e atualmente estão correndo processos para sua legalização, conseguidos através de pedido feito pelo Revm.º Monsr. Anatólio Brasil Pompeu ao falecido ex-Núncio Apostólico do Brasil, D. Carmine Rocco, quando de sua visita a nossa cidade.

(continua)

07 de setembro de 1982

Itatiba e a

JORNAL DE ITATIBA

Virgem do Belém

Marcos Rodrigues Chaves

NOSSA SENHORA DO BELÉM

Amanhã, mais uma vez a Basílica Menor de Nossa Senhora do Belém abrirá suas portas para comemorar o dia de sua padroeira...mas também comemoramos... o sesquicentenário da fundação da paróquia. Cento e cinquenta anos de proteção sob o manto sagrado da Virgem do Belém.

Esta festa é a grande tradição de Itatiba, é desnecessário dizer o quanto esta realização enriquece nossa cidade, pondo a vista o elevado grau de religiosidade de um povo civilizado, crente, cheio de fé...

Este mês de setembro é especial para todos os itatibenses, sábios ou não, ricos ou pobres, poderosos e humildes; pois todos são devotos de Nossa Senhora do Belém. Este mês marca seu aniversário, por isso nós a saudamos: AVE MARIA!

Esta bela devoção a Maria é uma tradição entre nós.

Tradição que nos auxilia na realização do lema: "Chegar a Jesus por Maria".

Maria de Belém, a qual chamamos Nossa Senhora e Mãe, dona do coração do nosso povo, foi, sem dúvida, uma mulher repleta do Espírito de Deus.

A jovem Maria, fora escolhida pelo Senhor Deus, para mãe do Salvador.

Foi ela preparada por Deus, com toda a graça, para sua missão, foi isenta de todo o pecado, pois havia de conceber aquele que vinha tirar todo o pecado do mundo — O Filho de Deus.

E assim foi que Maria deu a luz ao Menino-Deus, na gruta de Belém, cumprindo-se a profecia: "E tu, Belém, terra de Judá não és de modo nenhum o menor dentre os principais lugares de Judá., Porque é de ti que há de sair o chefe, que há de pastorear o meu povo, Israel".

Belém de Judá, pequena aldeia do tempo de Cristo, veio a se tornar célebre e famosa, por aí ter nascido o Salvador, iniciando aí uma nova era da humanidade. Belém na sua etimologia Judaica: "Bethlehem" significa "Casa do Pão". (בית לחם)

Judá, apesar de vassala de Roma, não fazia parte do Império Romano, o que veio a acontecer somente após a queda de Jerusalém, no ano 70 D.C.

Constantino, imperador romano que se converteu ao cristianismo, ordenou, no ano 330, que se erigisse uma basílica sobre a Gruta da Natividade.

Neste templo a decoração constava de magníficos mosaicos representando os antepassados de Jesus e os profetas que anunciaram seu nascimento sendo assim considerados como um grande monumento cristão de arte.

Possuía esta basílica uma imagem bizantina da Virgem Maria, que era conhecida pelo título de Santa Maria do Belém.

O culto de Nossa Senhora, sob esta invocação se espalhou pela Europa, alcançando Portugal por religiosos peregrinos que regressavam da Terra Santa.

O infante D. Henrique, fundador da célebre Escola de Sagres, o precursor das navegações portuguesas, mandou que se edificasse, no começo do século XV, uma Igreja dedicada à Nossa Senhora do Belém. Esta igreja era pequena e localizava-se na praia do Restelo, em Lisboa.

Segundo D. Henrique; Nossa Senhora do Belém ajudaria a esquadra portuguesa a encontrar novas terras e o caminho para as Índias do mesmo modo que a estrela de Belém conduziu os três Reis Magos à manjedoura de Jesus.

Em 1497, na pequena capela de Restelo, Vasco da Gama passou a noite anterior à sua partida em busca das Índias, em vigília e oração até a missa matinal.

Sua travessia foi arriscada, mas Vasco da Gama obteve pleno êxito, atravessou os mares e chegou à Lendária Calicut, sendo cordialmente recebido pelo Samorim.

Agradecido pela grande proteção que a Virgem dera à expedição, El-Rei D. Manuel I transformou a pequena ermida no magnífico Mosteiro dos Jerónimos, verdadeira obra-prima da arquitetura manuelina.

Nossa Senhora do Belém foi chamada "A Protetora dos Navegantes", e desde então começou o costume de realizar-se solenes cerimônias religiosas precedentes à grandes expedições marítimas. O grande templo ficava repleto de fiéis durante estas cerimônias.

Também Pedro Álvares Cabral, antes de iniciar sua viagem

de descobrimento aí assistiu à Santa Missa, seguindo em procissão até o cais, na companhia do rei. Ao chegarem, ambos foram saudados pela frota.

Esta invocação da Mãe de Deus foi trazida para o Brasil pelos primeiros povoadores, logo conseguindo muitos devotos por todo o país.

Os locais onde encontrou maior devoção foram: a nossa Itatiba, a cidade de Descalvado, na Arquidiocese de Campinas, e Belém do Pará.

Em 1615, na passagem do Natal, o capitão-mor Francisco Caldeira Castelo Branco partiu de São Luís do Maranhão com três navios e cento e cinquenta homens afim de ocupar a Amazônia.

Chegou à foz do Rio Amazonas, em janeiro de 1616, desembarcando na famosa bafa de Guarujá. Aí erigiu o Forte do Presépio, fundando uma povoação mais chamada: Santa Maria do Belém do Grão-Pará.

Após alguns anos, houve um conflito entre Castelo Branco e sua tropa, resultante de traus violentos a seus oficiais, resultando o episódio na sua prisão, destituição do cargo e volta a Portugal.

Aproveitando-se da situação de desunião dos povoadores, os indígenas cercaram e invadiram a vila, executando velhos, mulheres e crianças.

Frei Agostinho de Santa Maria, historiador sacro, numa sua publicação datada de 1722, afirmava que o nome de Nossa Senhora do Belém fora dado à padroeira da cidade "em memória dos Santos Inocentes que em Belém foram degolados por amor a Jesus, a quem Herodes pretendia Matar".

Na capital paraense, festeja-se a padroeira a 1 de setembro. Já a nossa comunidade prefere manter a tradição do "Sargentão", celebrando-a pela natividade, a 8 de setembro. Naquela Sé, durante muito tempo o orago foi de Nossa Senhora da Graça, sendo que só no fim do século XIX a catedral foi entregue à Virgem do Belém, em cerimônia solene e pomposa, perpetuada em painéis artísticos da abóbada da catedral. A mudança do orago deveu-se a uma promessa do bispo D. Macedo Costa. A catedral de Belém é uma das mais belas igrejas coloniais do Brasil, seguindo a arquitetura oficial da corte portuguesa da época de D. João V. Pode-se dizer que o capitão Castelo Branco, em busca do Rio-Mar, foi guiado pela estrela do Natal, até aportar no local predestinado a ser berço da civilização luso-brasileira no norte extremo do país a cidade de Santa Maria do Belém — portal da exuberante hília amazônica.

ICONOGRAFIA

Existem várias representações da Senhora do Belém. No Mosteiro dos Jerônimos, ela está em pé ao lado de São José e com Menino-Jesus entre eles, aparentando mais de um ano de idade.

As imagens da fachada e do altar da Sé de Belém, mostraram a Virgem de pé com o Menino Jesus já grandinho, sentado em seu colo e a abraçando. Também na sacristia, desta Sé existe uma rica imagem barroca de Nossa Senhora do Belém.

Uma grande tela, executada por um pintor português, encontra-se sobre o altar-mor da Sé paraense. Esta tela mostra a Virgem e São José reclinados sobre a manjedoura onde repousa Jesus recém-nascido.

Em Itatiba existem três imagens de Nossa Senhora do Belém: Uma pequena, de uns 45 cm, esculpida em madeira e policromada. Esta é a imagem que pertenceu ao "Sargentão" e nela Nossa Senhora aparece com Jesus despido e sentado em seu colo. Encontra-se esta imagem, de estilo rococó, na sacristia da Basílica.

No altar-mor da basílica, encontra-se uma imagem da Virgem do Belém, em estilo clássico, antigamente toda policromada e hoje somente com a capa e o rosto apresentando pintura original.

Esta imagem de 110 cm, data do século XIX e nela, Maria aparece com o Menino-Jesus recém-nascido, deitado em seu colo.

A imagem de Jesus separa-se da imagem da virgem e está vestida por uma pequena fralda de cânhamo branco presa por um alfinete de ouro.

Existe ainda, uma imagem da Senhora do Belém também de 110 cm, nas mesmas condições daquela do altar, só que já datando deste século e não possuindo policromia com relevos a ouro como as outras.

Na fachada da Basílica, houve, antes da demolição das naves em 1962, uma efigie representando nossa Senhora do Belém, de acordo com sua oração: tendo o Filho ao colo e estando vestida do sol, calçada da lua e coroada de estrelas.

Itatiba e a Virgem do Belém

O RELÓGIO DA MATRIZ

O relógio da Matriz, que até hoje, está em perfeitas condições, foi doação do senhor José Manoel de Castro.

O relógio é de procedência francesa, funcionando por um mecanismo de manivela e pesos de ferro. O carrilhão do relógio, instalado no alto do campanário, possui três sinos, que soam alternadamente por quatro vezes antes da batida das horas.

OS SINOS

Na parte mais inferior do campanário, encontramos quatro sinos, dois grandes e dois pequenos.

Dos grandes, o maior foi doado por Bento Pires Ávila e o menor por João Baptista Barracho, ambos em 1880. Estes sinos receberam vários prêmios em exposições do Império do Brasil, possuindo as gravações destes prêmios sobre bronze externo de suas campanulas.

Conta uma velha tradição, que quando os sinos foram elevados ao campanário, não se achava na cidade o doador Bento Pires Ávila, o qual quando regressou exigiu que o sino fosse baixado novamente ao largo para ser suspenso na sua presença.

Estes sinos continuam hoje, com seus badalares musicais, a anunciar as alvoradas, a chamar este grande povo de fé para as missas, ofícios e procissões... São eles arautos da fé para um povo que não se cansa de adorar a Nosso Senhor e louvar sua Mãe Santíssima. Ou ainda, quando a morte leva algum de seus filhos, a Igreja de Itatiba externa seus sentimentos pelos emocionantes sons plangentes de seu grande sino que dobra em comovente homenagem.

Para expressar tudo de bom e puro que os badalares nos transmite, nada mais adequado do que a bela crônica "Sinos de Minha Terra", de Hermelindo Scavone:

SINOS DE MINHA TERRA

Há dias, ó sinos da velha matriz do Belém, ao ouvir o vosso badalar plangente e grave, não sei porque, me parecistes tristes e cansados! era como se pelo azinhavre do vosso bôjo houvessem soprado os ventos e a poeira de muitos e muitos séculos. No entanto sinos, pouco mais velhos sois do que eu!

Sinos da velha matriz de Itatiba, no crepúsculo dourado cheio de vibrações imponderáveis, o vosso canto ondulou levemente em surdina, no ar tranquilo da tarde mansa e doce, era como se fôsse o dobre melancólico de um fim de poente! Entretanto sinos vós possuís um coração de bronze e o bronze tem a duração perpétua e monótona da eternidade!

Sinos da velha igreja de Nossa Senhora do Belém, meus ouvidos habituados desde a mais tenra idade, a escutar e decorar a vossa música, fôsse na sonoridade rubra dos dias festivos ou na opacidade cinzenta das horas sombrias, meus ouvidos sinos, quiseram trair-me, fazendo com que minha sensibilidade percebesse na vossa garganta sinais de envelhecimento ou cansaço.

Mas, ai de mim! o desencanto da desilusão, talvez nada mais fôsse do que a fadiga deixada pelo pó dos caminhos ao longo do rude itinerário! os sinos da matriz, invulneráveis à ferrugem e ao tempo, não mudaram não; são sempre os mesmos; eles continuam a unir e a marcar ao som familiar e doméstico de suas vozes os extremos e as encruzilhadas da vida dos itatibenses.

Porque os sinos, sentinelas sonoras do destino, muito ao contrário da gente, não envelhecem jamais.

Oração da Senhora do Belém

Antiga devoção em Itatiba era a reza da oração da padroeira, hoje desconhecida de muitos. Para perpetuação desta piedosa devoção, aqui a transcrevemos:

Virgo Domina de Bethlehem, Tu fuisti Ea quæ intravit ianua cælorum stans, amicta sole, in capite tua corona stellarum duodecim et luna sub pedibus tuis.

Tu, Domina, fuisti Ea quæ dixit ora tua sacra qui sesquicenties in die Te vocare, Tu adiuveres et succurreres in occasione.

Itaque, Domina suprema, hic supplicamus ac petimus: exaudi nos.

—Virgo Domina de Bethlehem omnia in bonitate verte.

Virgem Senhora do Belém, Vós fostes aquela Senhora que entrou pela porta do céu, em pé, vestida do sol, coroada de estrelas e calçada da lua. Vós fostes aquela Senhora, que disse pela vossa boca sagrada que a quem Vos chamasse cento e cinquenta vezes ao dia. Vós valeríeis e socorreríeis na ocasião. Por isso Soberana Senhora, aqui suplicamos e pedimos: atendei-nos.

— Jaculatória : Virgem Senhora do Belém tornai tudo em bem.

Esta oração era rezada, às vezes, durante o rosário, usando-se a jaculatória a cada Pai-Nosso.

Hino de N. Sra. do Belém

Retirado de antigo livro do coro da Reitoria da Basílica Menor de Nossa Senhora do Belém, sendo de autor desconhecido. A única referência cronológica é de que no século passado este hino já era cantado nas festas da padroeira.

I

O sol com tantos fulgores
Beleza e encantos não tem
Como os vossos esplendores
Ó Senhora do Belém
Estrilho
Guiai-nos, ó Mãe piedosa
Pelo caminho do bem
Vós que sois tão poderosa
Ó Senhora do Belém
Vós que sois tão poderosa
Ó Senhora do Belém

II

Como trazeis Mãe querida

Jesus nos braços também
Segurai-nos nesta vida
Ó Senhora do Belém

III

Fonte de consolação
Virgem Santa do Belém
Dai-nos vossa proteção
Na vida e morte. Amém